

LITERATURA MEDIEVAL

Volume I

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

IV CONGRESSO DA AHLM
COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE

AIRES A. NASCIMENTO
(Universidade de Lisboa)

VICE-PRESIDENTES

CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO
(Universidade de Lisboa)

TERESA AMADO
(Universidade de Lisboa)

VOGAIS

ANA MORAIS
(Universidade Nova de Lisboa)

ARNALDO ESPÍRITO SANTO
(Universidade de Lisboa)

LEONOR CURADO NEVES
(Universidade de Lisboa)

MARGARIDA MADUREIRA
(Universidade de Lisboa)

MÁRIO REIS
(Edições Cosmos)

SECRETARIADO

AURORA ALVES
ELSA SIMÕES
LUÍSA ANTUNES
MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA
TERESA OLIVEIRA

CATARINA FONSECA
ISABEL FERREIRA
MADALENA TAVARES
PAULO MILITÃO
VÍTOR GOMES

© 1993, EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÁNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

2ª edição: Maio de 1993
Depósito Legal: 63838/93
ISBN: 972-8081-04-9

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1ª — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

Contributos para a Análise Material e Paleográfica do Fragmento Sharrer

António J. R. Guerra

Universidade de Lisboa

Não será novidade, para muitos dos presentes, a história do achado dos sete poemas, fragmentários, que terão integrado um conjunto mais alargado, antes de o códice a que pertenciam ter sido desmembrado, encontrados pelo Professor Sharrer em 2 de Julho do ano transacto num fólio de pergaminho que capeava um livro notarial¹.

Hoje, separado do livro que envolvia, o documento permite uma análise mais detalhada que num futuro próximo esperamos venha a ser mais desenvolvida, uma vez que, assim o esperamos, análises de maior alcance técnico, que pretendemos levar a efeito, nos permitirão esclarecer e, com rigor, acrescentar aspectos que ainda não podemos estabelecer em definitivo. Com a presente comunicação dá-se conhecimento de alguns pormenores que julgámos de interesse serem, desde já, conhecidos².

O suporte

Como se pode verificar pelas reproduções apresentadas na comunicação do Prof. Sharrer, o pergaminho está bastante mutilado. Mais nítidas na zona que correspondia à lombada do livro, quase inviabilizando a leitura, são observáveis algumas manchas de aspecto enegrecido, resultantes da sujidade ao longo de muitos anos ali acumulada. Sem prejudicar a leitura, podem ainda ver-se outras manchas, estas reveladoras da presença de fungos, derivadas da humidade em excesso, a que o suporte terá sido, durante algum tempo, submetido.

Os vestígios foliculares visíveis, sobretudo na zona correspondente ao que teria sido a margem de festo do códice permitem-nos determinar a espécie ovina da pele. A espessura da mesma, apesar de a raspagem não ser totalmente homogénea, é, em regra, de 0,2^{mm}, com uma oscilação que atinge os 0,3^{mm} na zona onde a granulagem folicular é mais visível. O fraco contraste da cor entre o lado do pêlo e o da carne permite-nos concluir tratar-se de uma pele obtida de um animal jovem.

Regramento e plano de página

Aparentemente, no estado actual do documento não são visíveis piques que nos permitiriam determinar com mais rigor o critério que presidiu ao estabelecimento do plano de página. Os elementos que se apresentam correspondem ao verso do fólio e têm por base a observação das linhas (horizontais e verticais) ainda visíveis e a restituição do texto mutilado, uma vez que o mesmo é conhecido.

As linhas estão marcadas a ponta seca. Foi-nos dado observar um pormenor, não inédito, na pautagem: uma segunda passagem, a tinta vermelha, marca as linhas com notação musical e, a tinta preta, algumas linhas do texto (no recto).

Os poemas, com ou sem notação musical, são distribuídos em três colunas. Observado o pergaminho à transparência verifica-se uma total correspondência das linhas nas duas faces do mesmo. Este facto levou-nos a considerar uma armação de página idêntica para o recto e verso do fólio. Apesar do seu tamanho reduzido (tenha-se em conta a régua assinalada na base da reprodução), o aspecto da mesma terá sido o que se apresenta no fim deste trabalho.

As medidas obtidas, em relação ao verso do fólio, que admitimos possam ser revistas, dão-nos um quadro com os seguintes valores:

Face	Nº Linhas			Plano de Página	U.R.
	M	E	T		
Recto	7	45	52	24 . 66 . 17 . 76 . 15 . 80 . 24 x 48 . 425 . 48	8.333
Verso	7	45	42	24 . 80 . 15 . 76 . 17 . 66 . 24 x 48 . 425 . 48	8.333

M = Mutiladas

E = Existentes

T = Total

Note-se a arritmia respeitante à largura das colunas. Prática usual, mero lapso de circunstância, ou indício claro de uma tarefa elaborada por mãos pouco profissionalizadas?

Dobragem e dimensões do suporte

Ponderadas as dimensões do fólio e a idade do animal, concluímos que o fragmento do pergaminho analisado fazia parte de um bifólio. A pele foi dobrada uma única vez na zona correspondente à espinha do animal, o que se depreende pela inclinação dos vestígios foliculares observáveis, já aludidos. Dos valores acima indicados para o plano de página podemos referir que o fólio teria, em valores aproximados, de largura 302^{mm} e de altura 521^{mm}, a que corresponderia uma superfície total de 157.342^{mm}².

Escrita

Uma observação atenta ao traçado da escrita permite-nos concluir estarmos na presença de três mãos, ou melhor, três momentos distintos de execução da mesma.

A que está anotada musicalmente mais cuidada, mais encorpada, do tipo gótico próximo do caligráfico solene, com figuras em que já é notório o contraste entre cheios e finos³. O texto restante revela-nos um traçado de escrita do tipo gótico caligráfico comum, usual nos códices não luxuosos.

Um olhar atento sobre a segunda coluna (verso), ao todo que vai da linha 31 à 41 (ao texto não musicado) revela-nos a presença de dois tipos diferenciados: um primeiro, nas linhas 31, 32, 33, 36, três primeiras palavras da 37, cerca de 2/3 finais da 40 e 41 — idêntico às várias manchas sem notação musical; e um segundo, nas linhas 34, 35, cerca de 2/3 da 37, 38, 39 e as primeiras duas palavras da linha 40 — com uma dinâmica gestual que do princípio ao fim vai acentuando as respectivas características mais marcantes: mais ligeiro, mais veloz, de forma mais escachada, com alguma quebra na verticalidade, os sinais de significação geral em traço sobreposto com a curvatura mais acentuada. Enfim, mais tardio. Um segundo olhar revela-nos que esta escrita corresponde a um fragmento de texto reescrito sobre uma superfície raspada. Logo que os meios técnicos o permitam, estamos certos ser possível recuperar o fragmento de texto primitivo, tarefa facilitada pelo facto de esta segunda mancha não se sobrepor totalmente à anterior.

Por comparação com outros textos datados, concluímos poder situar os dois primeiros momentos de escrita em finais do século XIII, princípios do século XIV. Para o terceiro, sem dúvida posterior, ainda não estabelecemos uma possível datação.

Decoração e rubricação

Os aspectos relativos à decoração que ainda persistem no documento permitem-nos caracterizá-la como sóbria. É visível a alternância das cores vermelha e azul no desenho dos grafemas em início de estrofe. Os respeitantes ao início das cantigas preenchem a totalidade do espaço que medeia entre as linhas com notação musical. Os restantes são mais reduzidos, com uma altura sensivelmente idêntica a um espaço e meio da dimensão interlinear. Ao lado de algumas destas capitais iniciais ornamentadas são visíveis, grafadas a vermelho, as respectivas letras de espera. De notar, ainda, que, em regra, a separação dos versos, é feita por um sinal (traço vertical quebrado ao alto por um traço horizontal), em tinta vermelha.

Marcas de utilização

Acabámos de referir a existência de três tipos distintos de escrita. Na verdade, um quarto tipo, totalmente desgarrado do contexto, pode ainda ser observado. Este relacionado com o tabelião que o fixou para a posterioridade a um dos seus livros de registos.

Nos espaços do suporte não preenchidos, ou onde a mancha é menos densa, grafadas com o tipo de escrita usual do século XVI, são visíveis anotações soltas, relativas ao quotidiano do tabelião. Ora surgem no sentido paralelo da direcção da escrita anterior, ora em sentido perpendicular. O aspecto aleatório destas anotações força-nos a levantar uma questão relacionada com as necessidades inerentes ao ofício dos tabeliães: terão os fólhos dos códices musicados sido olhados pelos tabeliões como um bom suporte para a anotação dos apontamentos prévios destinados à posterior redacção dos diplomas?

A escrita é em tudo idêntica à que se pode observar no livro do notário que o pergaminho capeava. Pelo assento redigido por Luís Lourenço, síndico de Lisboa, em 13 de Março de 1571, sabemos que o livro pertenceu a Francisco de Campos, tabelião das notas. No entanto, os registos nele efectuados não são da lavra do mesmo. Pertenceu o códice a Francisco de Campos e os seus ajudantes viram nele um óptimo recurso para tomar os seus apontamentos, depois de o terem desmembrado? Seria esta prática usual?

Notas

¹ A.N.T.T., Casa Forte, Capa do Cartório Notarial de Lisboa, nº 7A, Cxa. 1, M. 1, Livro 3. (V. comunicação apresentada a este congresso pelo Prof. Harvey L. Sharrer).

² A descrição material e codicológica foi inspirada na obra do Prof. Aires Augusto Nascimento, *Livro de Aautos*, Lisboa, 1977.

³ A caracterização da escrita tem por modelo os critérios estabelecidos pelo Prof. Eduardo Nunes, *Album de Paleografia*, Lisboa, 1969.

⁴ Depois de apresentada uma primeira redacção deste trabalho ao Prof. Sharrer, fomos pelo mesmo alertado para o facto de as medidas encontradas necessitarem de ser revistas, uma vez que a restituição da segunda coluna (recto) exigia mais espaço para um tetragrama. As medidas obtidas serão revistas. A amação de página apresentada neste trabalho deve ser olhada como um mero exemplo ilustrativo.